

Presidente não vê conflito em disputar no cargo

Fernando Henrique diz que a saída criaria "um vazio esquisito", com implicação sobre a moeda e a política internacional

Chico Otavio

• O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que não vê conflito ético em disputar a reeleição sem afastar-se do cargo. Em entrevista exclusiva à jornalista Márcia Peltier, para o Jornal da Manchete, ele alegou que a sua saída poderia criar "um vazio esquisito", com implicação sobre a estabilidade da moeda e a política externa. Para ele, ser presidente e candidato ao mesmo tempo exige dupla carga de trabalho e responsabilidade para agir apropriadamente.

— Conflito ético haveria de qualquer maneira porque, se deixa o vice, ele pode até abusar mais do que o titular. Uma vez que o Congresso decidiu que há reeleição, é fazer como os Estados Unidos e outros lugares. Não que Mário Covas e Antônio Brito (governadores de São Paulo e Rio Grande do Sul) não devessem fazer o que fizeram, mas a situação regional é diferente — declarou.

FH diz que, se eleito, fará ampla mudança no ministério

Na entrevista gravada no Palácio Laranjeiras e exibida na noite de ontem, Fernando Henrique Cardoso disse que, se eleito, pretende fazer uma ampla reforma em seu ministério:

— Acho muito ruim o repeteco. Tem que inovar, porque as pessoas se cansam e é preciso mudar de funções. Ainda não pensei nisso, mas a minha inclinação é de modificações grandes.

Para o presidente, a decisão tomada pelo PMDB na convenção de domingo — de não apoiá-lo e nem lançar candidato próprio — foi a melhor possível para o partido. Fernando Henrique disse que procurou manter-se longe dos embates entre governistas e partidários da candidatura própria para depois não ser acusado de contribuir para a "desarmonia interna" do PMDB. Mas garante que a maioria queria apoiá-lo.



Gabriel de Paiva

FERNANDO HENRIQUE: "Ser presidente e candidato ao mesmo tempo exige dupla carga de responsabilidade"

— Não queria participar de um espetáculo que poderia ser desagradável. Da outra vez (referindo-se à convenção do PMDB realizada em março), que não fiz nada, fui acusado de fazer isso ou aquilo. O ex-presidente Itamar ficou zangado comigo, não sei por que. Deveria ficar zangado com o partido que ele escolheu — disse.

Sem referir-se diretamente ao presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade, ele disse que, do ponto de vista objetivo, continuará tendo apoio dos peemedebistas, apesar dos obstáculos criados pelo deputado cearense:

— É antidemocrático que um

deputado que tem as convicções atravessadas na vida, de mal com o mundo, impeça o partido de se manifestar.

O presidente procurou minimizar os resultados das recentes pesquisas de opinião, que voltaram a indicar a possibilidade de sua vitória no primeiro turno.

— Trato isso com calma e uma ponta de desconfiança, porque ninguém sabe. Serei eleito se o povo concordar que estamos fazendo coisas boas. Se não, posso até virar mico de circo que não vai adiantar nada.

Fernando Henrique chegou a admitir a possibilidade de dispu-

tar o segundo turno ao declarar que, somente nestas circunstâncias, aceitará participar de um debate com o seu adversário. Ele argumentou que não quer debates no primeiro turno porque desconfia que todos os adversários se juntarão contra ele.

— No segundo turno é diferente, porque o país tem que escolher uma alternativa entre duas pessoas — justificou.

Indagado sobre os pontos sensíveis do seu governo, Fernando Henrique mostrou-se bem-humorado, chamando-os de "calos". Ele destacou uma reportagem publicada esta semana pela revista

Veja, que aponta o ingresso de 13 milhões de pessoas no mercado de trabalho, para garantir que "nunca se investiu tanto no Brasil".

Fernando Henrique criticou a lentidão da reforma da Previdência e disse que espera que seja votada até o fim do ano. Quanto à Telebrás, garantiu que o Governo está vendendo uma parcela pequena, pois a maior parte já pertence ao setor privado:

— O Governo detém menos de 20% das ações. Os governos passados já venderam a Telebrás sem que ninguém soubesse.

Ao inaugurar ontem a primeira

etapa de ampliação do Porto de Sepetiba, em Itaguaí, o presidente conclamou os professores universitários a encerrar a greve, que já dura 92 dias, e fez duras críticas aos docentes que insistem na paralisação:

— No Rio de Janeiro, alguns mais responsáveis já perceberam que esta greve é política, que o Governo já deu o que era necessário e que continuar em greve é tomar partido contra o Brasil. ■

COLABOROU Carter Anderson

• LEILÃO EM SEPETIBA JÁ TEM NOVE INSCRITOS na página 20